

Ecologia de Mídia de Marshall McLuhan

Rodrigo Leme Souza
lemeroswell@hotmail.com

Fecha de Recepción: 20-03-2019

Fecha de Aceptación: 12-10-2019

Resumo

Marshall McLuhan (1911-1980), foi um dos maiores estudiosos da mídia de massa e de seu impacto na transformação social, cuja análise trouxe à tona uma nova ótica sobre as tecnologias e seu impacto imediato no cotidiano das pessoas, o que vai além de simples invenções, mas algo significativo para uma sociedade que se reinventa, o que deu origem a sua obra de 1962 “A Galaxia de Gutenberg”, bem como a concepção da “Ecologia de Mídia”.

Com a automatização dos processos e a incorporação da tecnologia aos meios e modos de fazer as coisas, assim como na maneira como nos comunicamos, levou McLuhan a entender como certo que novos esquemas de relação humana tendem a eliminar postos de trabalho, ainda que por outro lado, vinhesse a criar novas funções que a precedente tecnologia mecânica havia destruído.

Temos que, desde a invenção da imprensa nossa motivação de pensamento se dava em linhas retas e ordenadas, cuja percepção de mundo vinha em compatibilidade com a ordem visual da página impressa. No entanto, desde o final do século XIX, as novas aplicações da eletricidade, do telégrafo, do telefone, da televisão, nos ensinaram a reordenar as nossas percepções de mundo em formas compatíveis com o protocolo do ciberespaço.

Percebemos já há algum tempo que o conteúdo segue a forma e as tecnologias incipientes dão lugar a novas estruturas de pensamento e sentimento, de onde cambiamos da idade do visual e entramos na idade da audição e do tátil. Somos como a tela da televisão, levamos toda a humanidade como nossa pele.

Assim, pretendemos discorrer sobre suas relevantes e múltiplas idéias, relacionando-as com o cotidiano moderno no que concerne ao impacto das novas tecnologias nos processos

mentais, sentidos, opiniões e conceitos afetos a seu uso cada vez mais intenso.

Palavras chave: Ecologia, mídia, meios de comunicação, tecnologia

Resumen

Marshall McLuhan (1911-1980), fue uno de los mayores estudiosos de los medios masivos y de su impacto en la transformación social, cuyo análisis trajo a la luz una nueva óptica sobre las tecnologías y su impacto inmediato en el cotidiano de las personas, lo que va más allá de que es una simple invención, pero algo significativo para una sociedad que se reinventa, lo que dio origen a su obra de 1962 "La Galaxia de Gutenberg", así como la concepción de la "Ecología de Medios".

Con la automatización de los procesos y la incorporación de la tecnología a los medios y modos de hacer las cosas, así como en la manera como nos comunicamos, llevó a McLuhan a entender cómo ciertos nuevos esquemas de relación humana tienden a eliminar puestos de trabajo, aunque por otro lado, venía a crear nuevas funciones que la anterior tecnología mecánica había destruido.

Tenemos que, desde la invención de la prensa, nuestra motivación de pensamiento se daba en líneas rectas y ordenadas, cuya percepción del mundo venía en compatibilidad con el orden visual de la página impresa. Sin embargo, desde finales del siglo XIX, las nuevas aplicaciones de la electricidad, el telégrafo, el teléfono, la televisión, nos enseñaron a reordenar nuestras percepciones de mundo en formas compatibles con el protocolo del ciberespacio.

Hemos percibido desde hace algún tiempo que el contenido sigue la forma y las tecnologías incipientes dan lugar a nuevas estructuras de pensamiento y sentimiento, de donde cambiamos de la edad del visual y entramos en la edad de la audición y del táctil. Somos como la pantalla de la televisión, llevamos a toda la humanidad como nuestra piel. Así, pretendemos discurrir sobre sus relevantes y múltiples ideas, relacionándolas con lo cotidiano moderno en lo que concierne al impacto de las nuevas tecnologías en los procesos mentales, sentidos, opiniones y conceptos afetos a su uso cada vez más intenso.

Palabras clave: Ecología, medios de comunicación, tecnología

Summary

Marshall McLuhan (1911-1980), was one of the greatest scholars of the mass media and its impact on social transformation, whose analysis brought to light a new view on technologies and their immediate impact on the daily lives of people, which goes beyond being a simple invention, but something significant for a reinvented society, which gave rise to his work of 1962 "The Gutenberg Galaxy", as well as the conception of "Media Ecology."

By automating processes and incorporating technology into the means and ways of doing things, as well as in the way we communicate, it led McLuhan to understand how certain new human relationship schemas tend to eliminate jobs, although on the other hand side, it came to create new functions that the previous mechanical technology had destroyed.

We have had, since the invention of the press our thinking motivation was in straight lines and ordered, whose world perception came in compatibility with the visual order of the printed page. However, since the end of the nineteenth century, the new applications of electricity, telegraph, telephone, television have taught us to reorder our perceptions of the world in ways compatible with the cyberspace protocol.

We have realized for some time that content follows form and incipient technologies give way to new structures of thought and feeling, from where we change the age of the visual and enter the age of hearing and the tactile. We are like the television screen, we take all humanity as our skin.

Thus, we intend to discuss their relevant and multiple ideas, relating them to the modern day-to-day with regard to the impact of new technologies on the mental processes, senses, opinions and concepts related to their increasingly intense use.

Keywords: Ecology, media, media, technology

Introdução

Os escritos de McLuhan (1911-1980), considerado por muitos um ícone da tecnologia das mídias, o chamado “filósofo da era eletrônica”, contribuiu significativamente para a

transformação do pensamento social sobre a mídia, demonstrando como ao longo do tempo os meios impactaram significativamente o modo como as pessoas se relacionam com a realidade, passando pelo alfabeto, a escrita, a imprensa, a locomotiva, o rádio, dentre outras, mostrando o modo de vida social e a nossa relação com o espaço, o trabalho e o lazer.

McLuhan considera como meio todo dispositivo que mantém uma relação com o *sensorium* humano, tais como a roda, o vestuário, a estrada, que como meios de comunicação se tornaram prolongamento das funções relacionais com efeitos sociais e psicológicos relevantes. Assim as mídias de modo muito intenso ampliou as variadas formas de comunicação como a escrita e a fotografia, ao mesmo tempo que abandona os mais variados meios antes considerados imprescindíveis, a exemplo daqueles mais antigos, como as cartas, o telegrama, as livrarias, ou os mais modernos, inclusive os que já integram a cultura digital, onde já se percebe um arrefecimento nos chats, blogs e correio eletrônico.

Podemos sobre esta ótica considerar que tecnologias como o facebook e o instagram de certo modo pode ser visto como um antigo costume interiorano, quando as pessoas ficavam nas calçadas a comentar a vida cotidiana da cidade ou do bairro que hoje vai muito além, pois ainda que virtual, comenta-se de parentes e amigos residentes em outros continentes sobre notícias on line de vídeos, fotos, skype, o que de certo modo tem tornado as pessoas carentes de conexões reais, ainda que essa reconexão traduza o sentido literal da visão de McLuhan sobre uma aldeia global, comprovando suas idéias mais de quarenta anos depois.

A aldeia global popularizou-se e os meios de comunicação se amplificaram planetariamente, onde o olhar tecnológico se acentua a cada dia, surgindo inovações midiáticas verdadeiramente extensivas ao corpo, como facebook, twitter, whatsapp, skype, e-mail, cujo meio, o celular, porta todas as mídias – o rádio, o livro, o jornal, a revista, a música e claro, o telefone e a TV, cuja mensagem se propaga de forma exponencial, de um canto do mundo ao outro, tornando as distâncias continentais à um passo do agora, uma verdadeira aldeia global.

O meio é a mensagem

O homem de uma sociedade letrada e homogeneizada já não é sensível à diversa e descontínua vida das formas, mas adota uma postura de preferências de conteúdo e de visão mais elaborada daquilo que lhe torna mais aprazível, cuja comunicação e a capacidade de reação está relacionada ao meio ou veículo de comunicação.

Neste sentido, McLuhan (1996), cita a luz elétrica como informação pura, profundamente integral e antecentralista do mesmo modo que a máquina era fragmentária, centralista e superficial com as relações humanas, sendo um meio sem mensagem. Implica este fato, que é característico de todos os meios, que o conteúdo de todo meio é outro meio.

A visão do efeito relacional dos meios é o que importa, ou seja, o seu conteúdo, e nesse ótica, cita a General Eléctrica Company – GE e uma certa miopia, pois ainda não havia percebido que sua essência não é produzir lâmpadas ou sistemas de iluminação, mas primordialmente transportar informação, sendo o seu negócio tão relevante quanto a AT&T.

Assim, a alusão de McLuhan (1996) aos meios e a forma como nos relacionamos com o factual é para dizer que esta é amplamente alterada pela tecnologia, a exemplo da concepção do sistema ferroviário, onde a locomotiva modificou significativamente o feito como as pessoas conviviam com o espaço, pois as distâncias, antes inalcançáveis através de charretes, passou a estar ao alcance de algumas horas, tornando-se um novo meio e uma nova mensagem: uma nova forma de se relacionar com o espaço.

Voltando a um ícone da mensagem temos o cinema, cujos filmes nos transportam para um mundo de configurações criativas, onde a mensagem deste meio nos permite transitar para um mundo de ilusões e sonhos triunfantes que nenhum dinheiro seria capaz de comprar. Nesse momento de cultura altamente alfabetizada e mecanizada do cinema, surge o Cubismo, considerado a mais radical construção feita pelo homem em uma tela colorida que deixa claro que de fato o meio é a mensagem, uma percepção sensorial e instantânea de todo um conjunto.

Sobre o Cubismo, Marshal citando Gombrich (1996):

Ao propiciar a apreensão total instantânea, o cubismo como que de repente anunciou que o

meio é a mensagem e surge a questão: não foi isto que aconteceu tanto na Física como na pintura, na poesia e na comunicação?

Onde os segmentos especializados da atenção deslocaram-se para o campo total, e é por isso que agora podemos dizer, da maneira a mais natural possível: “O meio é a mensagem” (p.20).

Então que a mensagem era o “conteúdo”, como costumavam dizer as pessoas ao perguntarem sobre o que significava um quadro e nunca se lembravam de perguntar do que tratava uma melodia, ou uma casa ou um vestido, onde as pessoas sempre conservavam um certo senso de integralidade, de forma e função como unidade.

Nesse mistério, McLuhan (1996) esclarece como reagiu um grande general em resposta ao Cardeal Newman que disse de Napoleão:

Ele compreendeu a gramática da pólvora” e Napoleão dedicou alguma atenção a outros meios também, especialmente ao telégrafo semafórico, que lhe deu grande vantagem sobre seus inimigos e cuja declaração ficou estampada, a declaração de que “três jornais hostis são mais de temer do que mil baionetas (p.21).

Tocqueville (1997), estudando a Revolução Francesa explicou que a palavra impressa, dado os princípios tipográficos de uniformidade, da continuidade e da linearidade, liderada por bacharéis e literatos, contribuiu para tornar a nação francesa mais igualitária, homogênea, sem distinção entre sulistas e nortistas, enquanto que na Inglaterra, as tradições orais do direito cotidiano, no conservadorismo do parlamento, a nova cultura impressa não prevaleceu na sua completude.

Os padrões americanos fincados na escrita como tecnologia, extensível a todos os níveis da vida social, do governo, da indústria e da educação, passaram agora a ser ameaçados pela tecnologia elétrica, ora dentro dos muros, ainda que muitos continuem insensíveis, míopes e surdos ao choque com a tecnologia de Gutenberg, onde o modo de vida americano fora moldado, cuja resposta aos meios e veículos de comunicação é o de que efetivamente importa é o modo como são usados.

Desse modo, o efeito de um meio se torna mais forte e intenso justamente porque o seu conteúdo é um outro meio. O conteúdo de um filme é um romance, uma peça de teatro ou uma ópera. Arnold Toynbee (1973) aclarou a temática do poder transformador dos meios e da eficiência crescente em qualquer tecnologia. Entende que a resposta advinda de opiniões é que é significativo na relação e no resultado dos meios e da tecnologia na sociedade, o que pode decorrer do feitiço tipográfico.

Mídia quente e mídia fria

O princípio básico que distingue uma mídia quente de uma fria pode ser explicitada nos exemplos do rádio e o telefone, do cinema e a televisão respectivamente, sendo a mídia quente aquela que é capaz de estender um sentido em alta definição, que transborda informação, como uma fotografia que, visualmente, é de alta definição.

Todavia, as mídias quente são de baixa participação, enquanto os frios tem uma interação mais intensa, a exemplo das escrituras hieróglifo, tendo este meio frio efeito muito distinto a do meio quente e explosivo do alfabeto fonético, cuja palavra impressa, de intensidade especializadora rompeu os vínculos entre os monastérios e as irmandades corporativas, criando monopólios sumariamente individualistas, cuja inversão se deu com o fim dos monopólios e o retorno das corporações com uma visão impessoal de amplo impacto social.

As mídias ao longo do tempo provocaram transformações sociais significativas, a exemplo da chegada da imprensa, quando muitas formas de interação social já arraigadas foram eliminadas da vida e da arte e muitas outras introduzidas com inovações estranhas e intensas.

Robert Theobald (1961) em seu livro “The Rich and the Poor”, apresenta um exemplo de impacto perturbador de uma tecnologia quente que sucede a outra fria. Quando os missionários entregaram machados de aço aos aborígenes australianos, desmoronou sua cultura de uso do machado de pedra, então um símbolo da relevância e da masculinidade do homem tribal.

Como os machados de aço foram entregues as mulheres e jovens, os homens

tiveram de pedir emprestados as esposas, provocando nestes sensação de impotência que mais tarde provocou o colapso da dignidade masculina, revelando que uma hierarquia tribal tradicional se colapsa rapidamente ao se deparar com qualquer mídia quente do tipo mecânica, uniforme e repetitivo, enquanto as mídias do dinheiro, das rodas ou da escritura ou qualquer outra mídia especializada de intercâmbio e informação leva a fragmentação.

Por outro lado, uma grande aceleração, como a que produziu a eletricidade, pode restabelecer as pautas de intensas implicações, como ocorreu na Europa com a introdução da rádio na América do Norte, com a televisão, ou seja, a tecnologia especializada destribiliza e a elétrica não especializada retribaliza, o que se constitui em um processo perturbador acompanhado de um forte atraso cultural em que as pessoas se veem compelidas a considerar as situações novas como se fossem as antigas.

Kenneth Boulding citado por McLuhan (1996) tocou no assunto em *The Image* (“A Imagem”), ao dizer:

O significado de uma mensagem é a mudança que ela produz na imagem. O interesse antes pelo efeito do que pelo significado é uma mudança básica de nosso tempo, pois o efeito envolve a situação total e não apenas um plano do movimento da informação (p. 31).

No princípio, o efeito da tecnologia elétrica provocou angústia e na atualidade há uma sensação de que vem concebendo o tédio, com uma tripla travessia a realizar — alarma, resistência, exaustão, estágios que caracterizam um stress vital individual e coletiva, amenizada nos países subdesenvolvidos que mostraram pouca permeabilidade à cultura mecânica e especializada, estando estes em muito melhores condições para enfrentar e entender a tecnologia elétrica.

Muito se lamenta o fato de a sociedade ter de mudar depressa demais para acompanhar a máquina. Há uma grande vantagem em caminhar rápido, se você caminha de maneira completa, se as mudanças sociais, educacionais e de recreação estejam de passos acertados, o que leva a Lewis Mumford e o seu *The City in History* (“A Cidade na História”), que se mostra favorável às cidades frias e informalmente estruturadas, contra as cidades quentes e densamente povoadas.

Torna relevante saber se um meio quente é utilizado numa cultura quente ou fria. O rádio, meio quente, aplicado a culturas frias ou não letradas, provoca um efeito violento, contrariamente ao que acontece, por exemplo, na Inglaterra e na América, onde o rádio é considerado divertimento. *“Uma cultura fria, ou pouco letrada, não pode aceitar como simples divertimentos os meios quentes, como o rádio e o cinema. Estes meios são tão perturbadores para elas como o meio frio da televisão acabou por se mostrar em nosso mundo altamente letrado” (McLuhan, 1996, p. 35).*

Desse modo, podemos estabelecer a diferença entre os empregos dos “meios quentes e frios”.

Comparando e opondo a transmissão de um concerto sinfônico e de um ensaio sinfônico, como os espetáculos da CBC com Glenn Gould na gravação de recitais de piano e a apresentação de Igor Stravinsky, com regência da Sinfonia de Toronto – Canadá, sendo as mensagens bem engendradas mais pertinentes aos meios quentes, como o rádio e a vitrola (McLuhan, 1996, p. 35).

Nesse míster, Francis Bacon, comparando quase sempre a prosa fria e a prosa quente, escreveu com métodos ou “embalagens completas” e insurgia-se quanto a escrever por aforismos ou por observações simples, a exemplo de “A vingança é uma espécie de justiça selvagem”.

Reversão do meio superaquecido

McLuhan (1996), inicia este capítulo analisando o uso do meio nas relações diplomáticas entre Washington e Moscou, naquilo que ficou conhecido no meio jornalístico como “linha quente”. A revista times noticiou que o acordo entre as duas nações criava uma de linha de comunicação direta para casos de emergência em que demandasse intervenções ou posicionamento das duas potências.

Tradicionalmente o Ocidente inclina-se para a forma impressa, amparada na impessoabilidade desse meio frente ao telefone, onde as implicações da forma impressa são

antagônicos em Moscou e em Washington, o que se repete com o telefone, onde a predileção dos russos por este instrumento, tão de acordo com suas tradições orais, deve-se ao rico envolvimento não-visual que ele propicia. O russo utiliza o telefone para os mesmos efeitos que nós associamos a uma ansiosa conversa cara a cara.

Mcluhan (1996) constata que:

O telefone, assim como o teletipo são amplificações de tendências culturais inconscientes de Moscou e Washington, o que se converte em autêntico convite aos mais terríveis desentendimentos. Os russos entendem como muito natural a espionagem por via auditiva, mas se sentem ultrajados pela espionagem visual, que eles não consideram nada natural quanto aos americanos (p. 37).

Essa estrutura reversa se manifestou também logo nas primeiras utilidades destinadas a “poupar esforços” - tostadores, lavadoras ou aspiradores, que em lugar de poupar trabalho, os eletrodomésticos provocou um novo comportamento no lar, a de que cada qual faça seu próprio trabalho. “*O que o século XIX delegara a servos e empregadas, agora executamos nós mesmos, característico na era da eletricidade*” (Mcluhan, 1996, p 38).

Na nova Era da Informação elétrica e da produção programada, os próprios bens de consumo assumem cada vez mais o caráter de informação, embora esta tendência se manifeste principalmente nas progressivas verbas publicitárias, sendo significativo que os bens de consumo mais usados na comunicação social — cigarros, cosméticos e sabonetes — sejam também os maiores responsáveis pela manutenção dos meios de comunicação em geral.

À medida que aumentam os níveis da informação elétrica, praticamente toda e qualquer espécie de material atenderá a qualquer espécie de necessidade ou função, obrigando mais e mais o intelectual a investir-se no papel de comando social e de serviço da produção.

7

Atualmente é a rodovia que ultrapassa seu limite de ruptura transforma as cidades

em auto-estradas, enquanto estas mesmas vão adquirindo um caráter urbano contínuo. Outra reversão característica do limite de ruptura rodoviário é que o campo deixa de ser o centro de todo trabalho e a cidade deixa de ser o centro do lazer. O progresso das estradas e dos transportes provocou a reversão da antiga estrutura: as cidades se tornaram centros de trabalho, os campos passaram a servir ao lazer e à recreação.

Primitivamente, o aumento de tráfego propiciado pelo dinheiro e pelas estradas conduziu à liquidação do estado estático tribal segundo Toynbee, que chama a cultura de nômades em busca de víveres. De outro lado, o homem sedentário e especializado é dinâmico, explosivo e progressista.

Uma nova ordem se apresenta, onde a inovadora cidade mundial e magnética será estática e icônica ou inclusiva. No mundo antigo, a consciência intuitiva dos limites de ruptura como pontos de reversão e irreversibilidade estava incorporada na idéia grega de hubris, que Toynbee apresenta em seu Estudo de História, sob os títulos de “A Nênese da Criatividade” e “A reversão dos papéis” (Mcluhan 1996, p. 40).

Desse modo, temos evidência de que uma das causas mais comuns de ruptura em qualquer sistema é o cruzamento com outro sistema, como aconteceu com a imprensa e a prensa a vapor, ou com o rádio e o cinema (gerando o cinema falado). Nos dias atuais, com o microfilme e os microcartões, para não falar das memórias eletrônicas, a palavra impressa de novo assumiu muito do caráter artesanal de um manuscrito.

Os meios como tradutores

As tecnologias são meios de traduzir uma espécie de conhecimento para outra, como observou Lyman Bryson, ao declarar que “tecnologia é explicitação”. A tradução é, pois, um desvendamento de formas do conhecimento, onde a mecanização é uma tradução da natureza, e de nossas próprias naturezas, para formas ampliadas e especializadas.

O poder da tecnologia transformou significativamente as relações tradicionais e trouxe à tona a visão de que todos os meios são metáforas ativas em seu poder de traduzir a

experiência em novas formas, onde a palavra falada foi a primeira tecnologia pela qual o homem pôde desvincular-

se de seu ambiente para retomá-lo de novo modo, uma vertente da recuperação da informação que pode abranger a alta velocidade, a totalidade do ambiente e da experiência.

Com a era da eletricidade, nos percebemos mais engajados em termos de informação, rumo à extensão tecnológica da consciência, justamente como almejado significar quando dizemos que, a cada dia que passa, sabemos mais e mais sobre o nós mesmos, ou seja, traduzir para nós mesmos cada vez mais em outras formas de expressão que nos superam.

Mcluhan (1996) cita George Herbert e seu pensamento de que o homem é uma forma de expressão da qual se espera, tradicionalmente, que se repita a si mesma para ecoar o louvor ao Criador. *“A oração é a tempestade revertida”*, tendo o homem o poder de fazer reverberar o trovão divino pela tradução verbal (p. 53).

As recentes tecnologias, mesmo sem percebermos, impulsiona o nosso corpo físico para dentro de um sistema nervoso prolongado, mediante os meios elétricos, nós deflagramos uma dinâmica pela qual todas as tecnologias anteriores — meras extensões das mãos, dos pés, dos dentes e dos controles de calor do corpo, e incluindo as cidades como extensões do corpo, parecem traduzidas em sistemas de informação.

Há uma ampla e longa revolução pela qual os homens buscaram traduzir a natureza em arte, ainda pouco acostumados a conhecer como conhecimentos aplicados, cujo processo Mcluhan (1996) discorre:

Para os que se interessam por este extraordinário processo do conhecimento aplicado na civilização ocidental, Shakespeare fornece um bom material para meditação com seu *As You Like It* - o mundo dourado do bem-estar, sem emprego ou ocupação, de sua floresta de Arden, um processo de tradução a que agora dar início através do portal de automação elétrica (p. 54).

Shakespeare fala de um mundo em que, como que por programação, pode-se fazer reverter os materiais do mundo natural numa variedade de níveis e intensidades de estilo, estando próximos disso, em escala maciça, nos tempos eletrônicos que correm, conhecida como a imagem da Idade de Ouro, de completas metamorfoses ou traduções da natureza em

arte.

O poeta Stephane Mallarmé, citado por McLuhan (1996) achava que o mundo existe para acabar num livro, quando na realidade o momento é de ir além, transferindo todo o espetáculo para a memória de um computador, pois o homem, como observa Julian Huxley, diferentemente das criaturas simplesmente biológicas, possui um aparato de transmissão e transformação baseado em sua capacidade de armazenar experiência, cuja capacidade de armazenamento, semelhante a própria linguagem, torna-se um meio de transformação da experiência.

Por outro lado, há que se dosar a intensidade dos meios, do contrário, seremos levados a

confrontar-se com o dilema do ouvinte que telefona para a emissora de rádio e questiona o excesso de informações sobre o tempo e grita: *“desliguem, estou mim afogando”*, o que nos retorna ao momento do homem tribal, onde os rituais são mágicos meios de conhecimento aplicado e assim, em lugar de traduzir a natureza em arte, o nativo esquecido procura dotar a natureza de energia espiritual (McLuhan, 1996, p. 55).

Na ideia freudiana é possível que se encontre uma chave para alguns desses problemas, de que tentamos recalcar a experiência ou acontecimento que não conseguimos traduzir em arte consciente, o mesmo mecanismo que serve para entorpecer-nos em presença daquelas extensões de nós mesmos.

Do mesmo modo que a metáfora transmite e transforma a experiência, assim fazem os meios, onde um convite não é apenas um daqueles gestos casuais de que possamos fazer pouco, pois não corresponder, pode provocar a mesma frustração que um espetáculo interrompido.

Falando no presente, McLuhan (1996) nos apresenta que:

Nos dias atuais o computador-tradutor Mark II se propõe traduzir as obras-primas de qualquer literatura para qualquer língua, traduzindo desta forma as palavras de um crítico russo sobre Guerra e Paz, de Tolstói, o que torna

evidente que toque e contato não se referem apenas à pele, mas ao jogo recíproco dos sentidos: manter contato ou estabelecer contato é algo que resulta do encontro frutífero dos sentidos — a visão traduzida em som e o som em movimento, paladar e olfato (p.56).

Agora é possível programar os sentidos que se aproximem da condição da consciência, tal como a roda é uma extensão dos pés em rotação, prolongando nosso sistema nervoso central em tecnologia eletromagnética, na sequência, seguimos com o processo que transfere nossa consciência para o mundo do computador, onde poderemos, desse modo, programar a consciência, de forma a que ela não ceda ao entorpecimento e à alienação narcísica provocada pelas ilusões do mundo do entretenimento.

A palavra falada

A palavra falada envolve todos os sentidos intensamente, embora as pessoas altamente letradas tendam a falar de maneira tão concatenada e natural quanto lhes é possível, os caracteres francamente divergentes das palavras escrita e falada podem hoje ser mais bem estudados, graças ao contato mais íntimo que hoje temos com as culturas pré-letradas.

Um nativo, o único alfabetizado de seu grupo, falando da sua função de leitor de cartas para os outros, *“disse que se sentia impelido a tapar os ouvidos com os dedos, durante a leitura, para não violar a intimidade das cartas. Trata-se de um testemunho interessante dos valores da intimidade alimentados pela pressão visual da escrita fonética”* (McLuhan 1996, p. 67).

Bergson sugere que, sem a linguagem, a inteligência humana teria permanecido totalmente envolvida nos objetos de sua atenção. A linguagem é para a inteligência o que a roda é para os pés, pois lhes permite deslocar-se de uma coisa a outra com desenvoltura e rapidez, envolvendo-se cada vez menos. Enquanto a linguagem projeta e amplia o homem, mas também divide as suas faculdades, a consciência coletiva e o conhecimento intuitivo ficam diminuídos por esta extensão técnica da consciência que é a fala.

A palavra escrita

Para alguns ocidentais, a palavra escrita ou impressa se tornou um assunto melindroso. Indubitavelmente hoje se escreve, imprime e lê mais do que antes, mas há também uma nova tecnologia elétrica que ameaça esta antiga tecnologia construída sobre o alfabeto bifonético.

A tecnologia elétrica parece favorecer a palavra falada, inclusiva e participacional, e não a palavra escrita especializada, onde nossos valores, baseados na palavra escrita, têm sido consideravelmente afetados pelos meios elétricos, tais como o telefone, o rádio e a televisão, tendo muitas pessoas altamente letradas encontrando dificuldade em analisar esta questão sem evitar um pânico moral.

Sobre o poder do alfabeto, McLuhan (1996) nos apresenta que:

O alfabeto significou o poder, a autoridade e o controle das estruturas militares e quando combinado com o papiro, o alfabeto decretou o fim das burocracias templárias estacionárias e dos monopólios sacerdotais do conhecimento e do poder. Diferentemente da escrita pré-alfabética, com seus inumeráveis signos de difícil assimilação, o alfabeto podia ser apreendido em poucas horas, o que o tornou acessível, visto que o papiro transportável, barato e leve, produziu a transferência do poder da classe sacerdotal para a classe militar (p. 70).

Tipografia

Antes de Gutenberg desenvolver seus tipos moveis de imprensa, muita impressão sobre papel já fora executada, utilizando-se a xilogravura, onde talvez a forma mais popular desta impressão de textos e imagens tenha sido a da Biblia Pauperum, a Bíblia dos Pobres. Estes impressores xilográficos precederam os impressores tipográficos. embora não se possa precisar de quanto tempo, porque essas publicações baratas e populares, desprezadas pelos eruditos, não foram preservadas.

A grande lei da bibliografia se manifesta nesses trabalhos gráficos pré-

Gutenberg: “Quanto mais havia, menos há.” Ela se aplica a muitos outros itens, além da matéria impressa, aos selos e os primeiros receptores de rádio (McLuhan 1996, p. 125).

Os manuscritos e os primeiros livros impressos eram lidos em voz alta e a poesia era cantada ou declamada, estando estreitamente conectados com a literatura, música, oratória. No mundo das iluminuras, de maneira especial, as letras ganhavam uma ênfase plástica que as aproximava da escultura.

Millard Meiss ao estudar a arte de Andrea Mantegna, diz que, nas margens floridas e ramadas da página, as letras de Mantegna se erguem como monumentos de pedras, sólidos, finamente entalhados. Palpavelmente implantadas e maciças, elas saltam audazes do fundo colorido, sobre o qual, muitas vezes, projetam a sua sombra.

A Imprensa

Antes de mais nada, essas revistas noticiosas apresentam, sob forma em mosaico, imagens corporativas da sociedade em ação e não simplesmente janelas para o mundo, como as velhas revistas ilustradas, enquanto o espectador de uma revista ilustrada é passivo, o leitor de uma revista noticiosa se envolve na formação de significados para a imagem corporativa da sociedade.

A imprensa é hoje não apenas um mosaico de todas as tecnologias da comunidade, mesmo na seleção dos que fazem notícia, a imprensa prefere aqueles que já alcançaram alguma notoriedade no cinema, no rádio, na TV e no teatro. A diagramação da imprensa, seu formato, isto é, suas características estruturais foi utilizado de maneira bastante natural por poetas depois de Baudelaire, para evocar uma consciência inclusiva.

As palavras se constituem assim em sistemas complexos de metáforas e símbolos que traduzem a experiência para os nossos sentidos manifestos ou exteriorizados, tornando a tecnologia da explicitação, da tradução da experiência sensória em símbolos vocais, onde a totalidade do mundo pode ser evocada e recuperada, a qualquer momento.

A escola tradicional ainda a mantém à margem, como um brinquedo que atrai e distrai, mas

poetas como Charles Olson proclamam eloqüentemente o poder da máquina de escrever em ajudar o poeta na indicação exata da respiração, das pausas, das suspensões, margem , das sílabas, e da justaposição .

A Máquina de escrever

Em 1882, anúncios proclamavam que a máquina de escrever podia ser usada como auxiliar no aprendizado da leitura, da escrita, da pronúncia e da pontuação. A escola tradicional ainda a mantém à margem, como um brinquedo que atrai e distrai, mas poetas como Charles Olson proclamam eloqüentemente o poder da máquina de escrever. A mesma espécie de autonomia e independência que Charles Olson atribui à máquina de escrever em relação à voz do poeta, era atribuída pelo elemento feminino dos escritórios, há 50 anos atrás. *“Dizia-se que as mulheres inglesas haviam ganho uma aparência de 12 libras, assim que as máquinas de escrever começaram a ser vendidas a 60 dólares”* (McLuhan 1996, p. 199) .

O Telefone

Quando a imagem auditiva é de alta definição, como acontece com o rádio, visualizamos a experiência ou a completamos com o sentido da visão. Quando a imagem visual é de alta definição ou intensidade, nós a completamos com o som. o que explica a profunda perturbação artística que ocorreu quando se acrescentou a trilha sonora ao filme.

A canção All Alone by the Telephone, muito popular na década de 20, despertou alguma questões atinentes a relação com esse meio, tais como: Por que um toque de telefone num palco cria uma tensão imediata? Por que essa tensão é bem menor para um telefone que não se atende, numa cena cinematográfica? A resposta para todas essas questões é: o telefone é uma forma participante que exige um parceiro, com toda a intensidade da polaridade elétrica.

Telégrafo

No princípio o telégrafo estava subordinado à ferrovia e ao jornal — extensões imediatas da produção e do mercado industriais. Quando as ferrovias começaram a cortar o

continente, a sua coordenação passou a depender em grande parte do telégrafo, a ponto de as imagens do chefe da estação e do telegrafista se identificarem no pensamento dos americanos.

Foi em 1844 que Samuel Morse inaugurou a linha telegráfica entre Washington e Baltimore, graças aos 30.000 dólares obtidos do Congresso. Como sempre, a empresa particular aguardou que a burocracia administrativa esclarecesse a visão e os objetivos da nova operação.

Quando esta se mostrou lucrativa, a fúria da promoção e da iniciativa privada se tomou impressionante, a ponto de provocar episódios selvagens. Nenhuma tecnologia nova, nem mesmo a estrada de ferro, apresentou um crescimento tão rápido quanto o telégrafo.

A fotografia

William Henry Fox Talbot em 1839, tinha plena consciência de que a fotografia era uma espécie de automação que eliminava os procedimentos sintáticos da pena e do lápis e a fotografia refletia automaticamente o mundo externo, fornecendo uma imagem visual exata e repetível.

Foi esta qualidade suprema da uniformidade e da repetibilidade que produziu a ruptura gutenberguiana entre a Idade Média e a Renascença, tendo a fotografia um papel quase semelhante na ruptura entre o industrialismo meramente mecânico e a era gráfica do homem eletrônico, cujo passo da mudança da era do Homem Tipográfico para a era do Homem Gráfico foi dado com a invenção da fotografia.

A revista Life (14.06.1963), tem a capa ilustrada por uma fotografia da Catedral de São Pedro, denotando o quanto a fotografia de fato representa momentos isolados no tempo, sem transmitir um aspecto ou momento isolado, mas o contorno, o perfil icônico e a transparência.

A consciência do poder de transformação da fotografia muitas vezes transparece nas estórias populares, como a da mulher que exclamou: “Mas que amor de criança!” — para ouvir da mãe a seguinte resposta: “A senhora tinha de ver uma fotografia dela” (Mcluhan 1996, p. 146).

Eis por que, na era da fotografia, a moda se tornou algo como a colagem na pintura, quando um século atrás, a mania inglesa pelo monóculo parecia dar ao usuário o poder de uma câmara que fixasse as pessoas com um olhar superior, como se elas fossem coisas. Eric Von Stroheim se tornou famoso com o seu monóculo, ao criar a figura do altivo oficial prussiano.

Tanto o monóculo como a câmara fotográfica tendem a transformar as pessoas em coisas; a fotografia estende e multiplica a imagem humana em proporções de mercadoria produzida em massa, sendo os astros e estrelas de cinema e os ídolos nas matinês são levados ao domínio público pela fotografia.

A imprensa

O livro é uma forma privada e confessional que induz ao ponto de vista, já o jornal é uma forma confessional de grupo que induz à participação comunitária, o que dar uma coloração aos acontecimentos, utilizando-os ou deixando de utilizá-los, mas é a exposição comunitária diária de múltiplos itens em justaposição que confere ao jornal a sua complexa dimensão de interesse humano.

A forma do livro não é um mosaico comunal ou uma imagem corporativa, mas uma voz particular, sendo que um dos efeitos inesperados da TV sobre a imprensa foi o grande aumento de popularidade das revistas Time e Newsweek, de maneira inexplicável para elas próprias e sem maior esforço de granjear assinaturas, suas circulações mais do que dobraram desde o advento da TV.

Por fim, Macluhan (1996), mostra que a página de jornal comum de hoje não é apenas simbolista e surrealista num sentido de vanguarda, como também foi a primeira inspiração do simbolismo e do surrealismo na arte e na poesia, como qualquer um pode descobrir lendo Flaubert ou Rimbaud.

Rádio

O rádio possui o seu manto de invisibilidade, como qualquer outro meio,

manifestando-se ostensivamente numa franqueza íntima e particular de pessoa a pessoa, embora seja, real e primeiramente, uma câmara de eco subliminar cujo poder mágico fere cordas remotas e esquecidas.

Mais do que o telégrafo e o telefone, o rádio é uma extensão do sistema nervoso central, só igualada pela própria fala humana. Não é digno de meditação que o rádio sintonize tão bem com aquela primitiva extensão de nosso sistema nervoso central, aquele meio de massas aborígine .

Mais do que o telégrafo e o telefone, o rádio é uma extensão do sistema nervoso central, só igualada pela própria fala humana, onde nossos adolescentes dos anos 50 começaram a exhibir alguns dos estigmas tribais. Hoje, o rádio propicia intimidade ao jovem, juntamente com os estreitos laços tribais do mundo do mercado comum, da canção e da ressonância.

Comparando ao olho neutro, o ouvido é hiperestésico. O ouvido é intolerante, fechado e exclusivo, enquanto que o olho é aberto, neutro e associativo. As idéias de tolerância só começaram a aparecer no Ocidente depois de dois ou três séculos de cultura letrada e visual gutenberguiana.

O Telefone

A invenção do telefone foi um incidente no esforço maior que se efetuou no século passado no sentido de tornar a fala visível. Melville Bell, o pai de Alexander Graham Bell, passou a vida toda elaborando um alfabeto universal, que fez publicar em 1867, com o título de *A Fala Visível*. “*Além do escopo de tornar todas as línguas imediatamente acessíveis sob uma forma visual única, os Bells, pai e filho, estavam empenhados em aliviar a situação dos surdos. A fala visível parecia a promessa de uma imediata libertação da prisão da surdez*” (McLuhan 1996, p. 207).

A palavra “telefone” surgiu em 1840, antes do nascimento de Alexander Graham Bell. Era aplicada a um dispositivo destinado a transmitir notas musicais através de bastões de madeira. Na década de 70, muitos inventores estavam tentando descobrir processos de transmissão elétrica da fala. e o American Patent Office recebeu, no mesmo dia, dois

projetos de telefone, um de Elisha Gray e outro de Graham Bell, mas este com a vantagem de uma ou duas horas.

O telefone se destinava a oferecer serviços ao público em 1877, paralelamente à telegrafia. O grupo telefônico era insignificante em comparação com os vastos interesses do telégrafo, e a Western Union logo se movimentou para estabelecer controle sobre os serviços telefônicos.

Conclusão

O estudo nos leva a concluir que McLuhan, o chamado “filósofo da era eletrônica”, ao descrever os meios desde o alfabeto, a escrita, a imprensa, a locomotiva, o rádio, dentre outras, mostra que qualquer tipo de tecnologia tem reflexo na maneira como nos relacionamos com a realidade, alterando significativamente o modo de vida social e a nossa relação com o espaço, o trabalho e o lazer.

As mídias de modo muito intenso amplia uma série de ações sociais relacionadas a outras formas de comunicação como a escrita e a fotografia, ao mesmo tempo que torna obsoleto vários meios que se destinavam à interação social e à comunicação, a exemplo daqueles mais antigos, como as cartas, o telegrama, as livrarias, ou os mais modernos, inclusive os que já integram a cultura digital, onde já se percebe um arrefecimento nos chats, blogs e correio eletrônico.

As novas tecnologias, como o Facebook, de certo modo, traduz um antigo costume de cidade interiorana, dos coretos, das praças, onde se fofocava sobre a vida no bairro, numa relação virtual que ainda que aproximando pelas fotos digitais, skyper, parentes e amigos vivendo em outros estados e continentes distantes, tem tornado as pessoas carentes de conexões reais, ainda que essa reconexão traduza o sentido literal da visão de McLuhan sobre uma aldeia global, comprovando suas idéias mais de quarenta anos depois.

Assim, passados tantos anos, seu olhar tecnológico nunca foi tão real para as mídias atuais, a exemplo do Facebook, twitter, whatsapp, Skyper, e-mail, hoje verdadeiramente extensões do próprio corpo, cujo meio, o celular, carrega todas as mídias – o rádio, o livro,

o jornal, a revista, a música e claro, o telefone e a TV, cuja mensagem se propaga de forma exponencial, de um canto do mundo ao outro, tornando as distâncias continentais à um passo do agora, uma verdadeira aldeia global.

Referências bibliográficas

McLuhan, H. M. (1996). Comprender los medios de comunicación – las extensiones del ser humano. Barcelona: Paidós Ibérica SA.

Mcluhan, M. (1996). Os meios de comunicação como extensões do homem. São Paulo: Editora Cultrix.

Robert, T. (1961). The Rich and the poor. Chicago. American Library.

Toynbee, A. (1973). A Sociedade do futuro. Rio de Janeiro: Editora Zahar.

Tocqueville, A. (1997). O Antigo Regime e a Revolução. Trad. Yvonne Jean. Brasília: Editora Universidade de Brasília.

